

9

EMILIO MOURA — Nasceu Emilio Guimarães Moura em Dores do Indaia em 14 de agosto de 1902. Estudou as primeiras letras em Bom Despacho, Carmo da Mata e Cláudio. Frequentou o Instituto Guimarães de Dores do Indaia, vindo em seguida para Belo Horizonte. Bacharelou-se em direito pela Faculdade de



Emilio Moura

Direito da Universidade de Minas Gerais, em 1938. Ingressando na Secretaria da Educação foi, aos poucos, alcançando varios-postos, chegando a Superintendente do Departamento da Educação. Após trinta anos de preciosos serviços ao Estado, requereu aposentadoria. Catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas, leciona História das Doutrinas Econômicas. Foi em certa época diretor da Faculdade de Filosofia. Quando se deu em Minas a invasão da escola de vanguarda, mais conhecida por movimento modernista, alistou-se imediatamente no grupo dos renovadores, composto de Carlos Drummond de Andrade, João Alphonsus e outros. Foi um dos diretores da "Revista", que encabeçou o movimento. Além da redação de "Estado de Minas", do "Diário de Minas", dirigiu outros jornais, colaborando em vários periódicos do Rio e de São Paulo. Publicou "Ingenuidade", "Canto da Hora Amarga", "Cancioneiro", "O Espelho e a Musa", "Poesias" e "O Instante e o Eterno". Alcançando renome nacional, na posição de grande poeta de Minas e do Brasil contemporâneo, Emilio Moura continua em plena atividade artística. Senhor de notável bagagem literária, que lhe recomenda, definitivamente, o nome à posteridade, não tem descanso. Atingiu a plenitude da beleza pura, na sua poderosa mensagem poética, inteiramente banhada de luzes estranhas, suavíssimas. A crítica literária, do porte de um Tristão de Athayde, um Sérgio Milliet, um Eduardo Friere, um Oscar Mendes, não lhe tem regateado os louvores, a que faz jus pela densidade e intensidade da substância lírica de seus trabalhos, derada ao extremo do policiamento verbal. Há, ainda, em Emilio Moura outra manifestação artística: é escultor. Esconde a mais não poder esse aspecto de sua personalidade. Ao en-

Diário de Minas, Belo Horizonte, 28-10-956

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

CADEIRA N.º 16

Patrono: FRANCISCO DE PAULA CANDIDO

FRANCISCO DE PAULA CANDIDO — Nasceu em 2 de abril de 1805 em Piranga. Frequentou o Seminário de Mariana e achava-se em vésperas de receber ordens sacerdotais, quando se certificou de que não tinha vocação para o ministério sagrado. Seguiu para Paris, diplomando-se em medicina na Sorbone. Regressando ao Brasil, alcançou mediante concurso, uma cátedra da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Mestre de física e de outras disciplinas, durante muitos anos, firmou reputação de sábio, através de estudos e notáveis descobertas (influência da pressão atmosférica na circulação do sangue). Foi médico do Imperador Dom Pedro II. Sem que se entregasse em competições políticas, foi quatro vezes deputado geral da Assembleia Geral Legislativa em 1843-1844, 1850-1852 e 1853-1854, deixando nos anais do Parlamento um nome acatadíssimo. Pertenceu à Academia Imperial de Medicina, de que foi três vezes presidente, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foi sócio da Academia de Belas Artes e da Academia Filomática. Redigiu os "Anais brasilienses de medicina". Em certa época, foi



Paula Cândido

diretor da Repartição de Higiene Pública, tendo prestado nesse posto grandes serviços ao País, no combate à febre amarela e ao "cholera morbus", que infestava alguns portos nacionais. Muito embora não disputasse condecorações, recebeu várias honras, entre as quais a comenda da Ordem da Rosa. Dom Pedro II fez questão de que pertencesse o ilustre mineiro ao Conselho de Estado. Escreveu numerosos relatórios e um opúsculo enérgico, intitulado "Clamores da agricultura no Brasil". Seu estudo a respeito da pressão atmosférica na circulação do sangue mereceu o apreço das academias mais ilustres da Europa. A descoberta foi atribuída "mais tarde" a um físico francês, em clara escamoteação. Senhor de linguagem elegante e atraente, o Conselheiro Paula Cândido foi escolhido por Diogo de Vasconcelos para patrono de sua cadeira, quando da fundação da Academia. Faleceu em Paris em 5 de abril de 1856, quando dois dias antes havia completado 51 anos de idade. Seu nome está ligado a um município mineiro (ex-São José do Barroso) e a uma rua em Belo Horizonte.